



ARAUTO

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores
Carlos Frayão e Manuel Bettencourt

Redactor Desportivo
João Castro

Administrador
Herberto Faria

«I — ALCOOLISMO»

A Sociedade actual enfrenta hoje este grave problema, debate-se com um vício que abre cavernas na sua estrutura como a tuberculose minando um pulmão. E por isso é necessário, que na formação de novos elementos para essa mesma sociedade, se criem neles condições tais que se tornem membros válidos numa organização enfraquecida. Todos os esforços empregados nesse sentido resultarão se «no prevenir esse mal» se usar do cuidado de ilustrar com factos impressionantes, que os há, todas as considerações que se fizerem. E bem pouco trabalho teremos infelizmente na procura desses factos. Basta por vezes chegar à janela ou abrir uma porta.

Mas não é de facto um homem embriagado a atravessar uma rua ou caído na berma da estrada, que deve merecer toda a nossa atenção, pois que o problema é muito mais extenso. E os malefícios que advêm de tal conduta têm as suas verdadeiras e alarmantes consequências no seio da

família. É aí que a tragédia se evidencia. É no lar que o vício produz os seus efeitos.

Eu sei que a juventude, pouco afeita a encarar problemas e a viver situações, tem por vezes a tendência para esquecer depressa todas as considerações que se façam sobre estes assuntos. É por isso que temos de avivar frequentemente

(Conclui na 2.^a página)

Dois Comentários a quatro versos

A estes versos de uma poesia portuguesa:

Pus os meus sonhos num navio
É o navio em cima do mar,
Depois abri o mar com as mãos
Para o meu sonho naufragar.

Apresentam duas colaboradoras do «Arauto» os comentários que seguem:

SONHOS?!

Ela acorda e, radiante como um passarinho, abraça a mãe: «Imagine, mamã! Sonhei que uma fada me levava às estrelas...»

E entretanto ela cresce! Os sonhos são agora uma parte integrante da sua vida, sobre os quais se debruça horas inteiras a imaginar, pensar... Sonhos fantásticos, praticamente irrealizáveis, desconexos, que que nunca atingirá.

Embora compreenda que muitos desses sonhos não correspondem à realidade deleita-se a sonhar. É que a sonhar constrói um futuro, que a tornará imensa-

(Conclui na 3.^a página)

Mária Beirão

Noticiaram recentemente os jornais a morte do notável poeta Mário Beirão, nascido em 1892, em Beja. É alentejano, portanto, como Bernadim Ribeiro e Florbela Espanca. Pertenceu à celebre geração da *A'guia*.

Queremos, pois, lembrar o seu nome aos estudantes do Liceu, nossos colegas.

A sua primeira obra em volume foi *O Último Lusitana* (1913). Outros livros dele: *Ausente*, *A Noite Humana*, *Novas Estrelas* (prémio Ricardo Malheiros, da Academia das Ciências de Lisboa, em 1940), *Oiro e Cinza*, *Mar de Cristo* (1957).

A sua poesia revela um lirismo vibrante, às vezes profundo, a que não raro se associa certo tom épico.

A seguir, damos um soneto do poeta.

CONTRIÇÃO

Enriqueci a voz, cansei a lira.
Ah, como tudo é frágil por mais forte!
Meu estro, arrebatado de transporte,
Falou a Deus, e, humilimo, suspira...

Deus não atende o Verbo que delira:
Sou a elegia humana, ao vento, á sorte!
Inclino a fronte, pálida de Morte,
Minha verdade é feita de mentira!

Tentei a Deus! Que o Inferno me sepulte!
Minha convulsa forma de miséria
É já espectral, pressente-se morrer!

Quero ser treva pra que a luz exulte!
Sou contrição; minha alma ascende etérea
Iluminando a noite do meu ser!

Acampamento da Páscoa

Realizou-se de 5 a 11 de Abril último, com cerca de 20 filiados, o habitual acampamento da Páscoa da M. P.

O local escolhido foi a vizinha vila da Madalena, havendo apenas a registar como nota á parte, o excepcional bom tempo com que, durante aqueles seis dias, os nossos campistas foram brindados.

TEMOS o prazer de inserir neste número um artigo intitulado «O Alcoolismo», da autoria dum ex-Redactor do «Arauto», M. José G. Carrinho, que presentemente se encontra a cursar medicina na Universidade de Lisboa.

Pedido de demissão

Apresentou o pedido de demissão do cargo de Comandante do Centro n.º 1 e do posto de Comandante de Bandeira, o filiado Luis Fernando Gonçalves da Rosa, que durante um ano exerceu aquelas funções com a mais meritória acção.

Em nome da M. P. o «Arauto» agradece reconhecidamente a valiosa assistência e serviços prestados.

(Conclusão da 1.ª página)

estes factos, para que os jovens não caiam na situação cómoda de os ignorar. E ignorando-os tornam-se «meio próprio» para a proliferação activa do vício. Transformam-se de encantadoras crianças em escravos; de companheiros queridos em carrascos odiados; de pais em tiranos para seus filhos.

Penetremos por algum tempo no seio de uma família que tem por chefe um alcoólico e lá veremos com certeza cenas que julgáramos não poderem existir num mundo que nós dizemos civilizado. Imaginemos algumas dessas cenas e por mais rica que a nossa imaginação se nos apresente todas elas se enquadram perfeitamente nesse ambiente de vício. E depois, muito difícil se torna corrigir um organismo habituado a tais exageros.

Vêem-se com um olhar de compaixão alguns rostos que poderiam ser jovens, marcados para sempre pelas rugas prematuras de um viver desregrado. E perante tantos exemplos não podemos, nem deve ser essa a nossa atitude, lamentar simplesmente aqueles que se afundam num lodaçal de vícios. Temos sim de fazer tudo para os trazer a uma vida sã, se ainda for possível, se ainda o vício os não tiver acorrentado roubando-lhes assim a sua personalidade de homens. Temos além disso de prevenir o mal naqueles que caminham para a vida, para que compreendam que só dominando as suas paixões conseguem ser homens. Temos de combater essa ideia errada, que é muito comum entre a juventude, de que para se ser verdadeiramente homem é necessário fumar e beber. E por isso pelas ruas assistimos ao triste espectáculo de ver crianças de cigarro na boca, convencidas de que assim já são adultos. Em bailes e em outras reuniões do género entristecemos-nos contactar com os resultados de se pensar assim.

Aos adultos cabe a tarefa de «exemplificar» que

os homens não procedem de tal modo. Lembremo-nos sempre que a criança tem o hábito de imitar os mais velhos e, quanto a isso, é grande a nossa responsabilidade, pois se elas imitam, não fazem mais do que copiar o que vêem fazer. Os mais velhos têm pois um exemplo a dar: os pais uma missão de vigilância na educação dos seus filhos. E essa educação tem de ser uma educação consciente, adaptada ao modo de ser e ao temperamento de cada um.

Unamo-nos, pois os mais velhos, e ajudemos os que começam a preparar-se para a vida para que o façam de maneira que se transformem em elementos válidos numa sociedade que os espera.

Tenhamos sempre presente que o vício acorrenta o homem, e que só vencendo-nos a nós próprios pela vontade, poderemos realizar o fim para que fomos criados: sermos úteis à sociedade dentro da esfera social para que formos formados.

MANUEL JOSÉ GOULART CARRINHO

O MUNDO DOS MEUS 13 ANOS

Para os «grandes» uma rapariga ou rapaz de 13 anos não tem problemas; é um ser feliz e despreocupado.

Mas será bem assim? Não temos nada que nos preocupe? Nada, nada?

Dizem eles que não sabemos o que é a vida.

— Só têm de andar com os livros e ainda se acham mal!...

Mas, e quem nos mete na cabeça o que neles está escrito?

Se tentassem descer um pouco à nossa compreensão entenderiam tantas coisas que, vistas superficialmente, não têm interesse de espécie alguma, mas que para os que vivem o mundo dos 13 anos, são «problemas».

Quantas vezes me encontro aborrecida, mesmo por qualquer insignificância?

(Continuação da 1.ª página)

mente feliz. Feliz?! Quão agradável lhe é sonhar com a felicidade. E quem poderia imaginar-se feliz num futuro talvez longínquo?

E Alexandra continua a crescer, e sonha sempre. Mas um dia, talvez já tarde, os seus sonhos naufragam. Quem foi o culpado? Ela, o mundo? Quem?!...

Tal como as ondas revoltas, que se despenham sobre o frágil lenho dum navio e acabam por afundá-lo, a vida oferece tantos obstáculos aos sonhos que terminam também por desfazê-los. Mas a culpa não será nossa? — pensa ela. Não serão fracos os alicerces da construção? Não seremos nós muitas vezes os próprios a abrir o caminho ao naufrágio dos sonhos? E como ela, todos nós sonhamos.

A juventude sonha tanto! .. Sonha, constrói um futuro sobre areia e num dia de vendaval vem tudo abaixo. Quem teve culpa da construção ser frágil? Decerto quem a fez. Como ela, nós somos os culpados.

Assim devemos procurar

não sermos nós próprios a onda que submerge, nem o vendaval que destrói, para não naufragarem num momento os sonhos, que, durante tantos anos alimentámos.

Pus o meu sonho num navio
E o navio em cima do mar.
Depois abri o mar com as mãos
Para o meu sonho naufragar.

SONHO...

Pé ante pé, a noite chegou... E ao cobrir tudo com o seu manto negro, entoa uma doce canção de embalar. Lentamente o mundo pára o seu constante lidar e entontecido pelo dia a dia, adormece ao som dessa música suave. E a noite, qual mãe vigilante, vela-lhe o sono...

E o mundo sonha... E eu sonho com o mundo...

Pleno de cores maravilhosas, o meu sonho é belo...

É o espelho da minha alma reflectindo os meus desejos. Nele, eu sou eu própria sem fingimentos, pois todos procuram compreender-se; vivo a vida que gostaria de viver, pois nada se me opõe; tenho o que desejaria ter, porque no mercado do sonho, tudo se pode comprar. E, embora no sonho às vezes sofra, sinto prazer no próprio sofrimento.

Lá, por entre alamedas de grandiosas árvores, odorizadas pelo inebriante perfume das flores, vou encontrar caras ignotas olhando para mim com simpatia, velhinhos que caminham ao encontro da morte, recordando sempre os anos felizes e infelizes que passaram. E eu, que estava junto de um grupo de crianças que bricam às rodas afastome brandamente, não sem antes lhes sorrir, e dirijo-me a um grupo de amigas que já não brincam, nem às rodas nem com bonecas, e fico lá a conversar... Sobre quê?... sei lá! talvez sobre aquele grupo de rapazes que lá ao longe se avistam; talvez sobre os tais velhinhos que há pouco por mim passaram, talvez até mes-

(Conclui na 4.ª página)

(Conclui na 5.ª página)

—≡ Crônica do Mês ≡—

Março chega de mansinho, tímido e hesitante, receoso de vir quebrar bruscamente a nostalgia do Inverno que finda. Ele sabe bem que todos nós ansiamos por abandonar depressa o cantinho aquecido da sala, para irmos ao seu encontro, alegres e rejuvenescidos, sentindo o sangue correr nas veias mais ardente e impetuoso, como a seiva que em breve subirá nos caules das plantas, dando-lhes generosamente a vida que o Inverno, cruel, roubou.

A natureza inteira reclama imperiosa a sua vinda. Passou o longo período de ventanias cortantes, geladas, que fazem vergar sob o seu impeto os troncos apurados dos pinheiros no descampado, tirando deles gemidos sibilantes de agonia, como notas agudas arrancadas por mão inexperiente a um piano desafinado. Calou-se essa canção dolente, monótona e desagradável, que nos entristecia sem motivo, penetrando-nos directa na alma, até ao âmago. Era como o revolver numa ferida antiga que ainda não cicatrizou completamente, e cujas cinzas agitadas pela balada cortante dos pinheiros, escaldam de novo fazendo doer sem dó. E' a alma, a nossa pobre alma fortemente ligada às coisas terrenas, que se agita assustada na presença de algo mais poderoso e divino, essa manifestação do sobrenatural, contra a qual nada podemos e anseia por desaparecer, misera, no nada.

Março, generoso, livra-nos de tudo isso e traz-nos de novo a alegria eufórica e buliçosa que o severo Inverno nos roubou. Com ele a Primavera ridente, que entra a jorros pelas janelas, parece pôr uma leve pincelada de cor nas pétalas fanadas que uma a uma se desprendem das flores já murchas, dentro de casa. E tudo ganha vida, de novo.

Os pinheiros adquirem a sua elegância afilada, no

descampado, e destacam-se erectos e firmes no horizonte azul e sempre igual, apontando ao céu os seus ramos, talvez numa vingança muda pelas tempestades sofridas. As violetas tímidas despontam envergonhadas por entre a relva, nos verdes prados, ignorantes da sua frágil beleza, evolvendo na pureza ainda um pouco fria dos ares a fragância suave das suas corolas arroxeadas. As rosas nascem orgulhosas nos jardins bem cuidados, abrindo as pétalas coloridas com esmero num sorriso provocante e olham sobranceiras as outras flores mais modestas a seu lado. E os cravos, humildes perante aquela beleza sem par, curvam-se no jardim fronteiro em reverência profunda de enamorado sem esperança. Os peixinhos, nos lagos, deslizam vagarosos, movendo lentamente as barbatanas, talvez com medo de fazerem um movimento mais brusco, que vá perturbar o sossego das flores que os rodeiam e os olham a todo o momento do alto dos seus caules. E até o ar está de novo leve, puro, lavado. E cheirando ainda à terra molhada das últimas chuvas, insufla-nos no íntimo novas forças para vivermos o dia a dia. Purifica-nos, enleva-nos.

Então as almas agitam-se. Querem a todo o custo expandir-se, numa ânsia por se libertarem dum repouso prolongado. E' que Março, além de nos trazer a Primavera, dá-nos ainda com a sua luz, com as suas festas uma oportunidade de expansão.

E as nossas almas, cansadas dos estreitos horizontes de todos os dias, anseiam por voar, leves como os passarinhos, até ao infinito. Voar... subir sempre, cada vez mais alto, numa ânsia louca de alcançarmos algo que nós nem sabemos bem o que é. Subir, galgar as nuvens, chegar enfim ao cimo, à meta final. E' tudo quanto desejamos nestes dias já

belos que surgem. As horas passam, o desejo de fuga aumenta. A ânsia de libertação que existe em cada um de nós, no mais recôndito dos nossos seres, transforma-se a pouco e pouco num desejo latente que nos enche de sensações desconhecidas, intensas, e nos deixa por fim com a impressão de vazio à nossa volta. Lentamente esse desejo transforma-se em ideia fixa que não nos abandona nunca, por mais esforços que façamos. E' algo de inexplicável que se agita no nosso íntimo, à espera de uma saída por onde possa escapar-se.

Passam as horas, numa marcha lenta, num desafio à nossa agitação. Os ponteiros, na sua calma costumada, assemelham-se agora a bocas que riem, riem da nossa pressa de libertação. Mais uma... duas... mais três horas... E o desejo é já fúria, uma fúria louca de expansão para as ânsias recalçadas e atiradas para o fundo de nós próprios como coisa inútil. Os livros são postos de lado, pois nestes dias é impossível estudar. E' Carnaval. E como conseguir fixar as lições com o espírito tão agitado pelo turbilhão dos pensamentos que surgem constantemente? Todo o tempo é pouco para pensar na roupa que se levará ao baile. Ensaíam-se sorrisos falsamente cativantes, em frente ao cristal puro do espelho. Experimentam-se novos penteados. Tenta-se, a sós, acertar com os passos da última dança em voga.

Finalmente desperta o tão ambicionado dia. Ultimam-se os preparativos, dão-se os retoques finais no penteado. E enfim estamos prontos a sair, a divertir-nos, a dançar, lançando ao desbarato horas seguidas, em que poderíamos ter feito algo de mais útil. Mas agora não é ocasião para pensamentos desses. Agora... é divertir!

Corre-se às festas. A pé, de carro ..

Não importa a pobre mulher que nos pede esmola, com um rancho de filhos agarrados à saia, nem a humilde criancinha que ainda há pouco iam atropelando no nosso egoísmo louco. Não importam os choros angustiados dos orfãos, que moram no prédio ao lado do nosso, num triste e enxovalhado quarto, nem o ceguinho que nos estende ansiosamente a mão na esquina da rua. Não, nada disso importa. Interessa apenas correr, galgar a distância e chegar depressa...

Eis que chegámos! Agora vamos finalmente deixar escapar o que trazemos há tanto tempo em nós acorrentado. De boa vontade abandonamos o ar puro da rua, a paz das belas paisagens banhadas pelo mar, e trocamos sem hesitação tudo o que a natureza nos oferece pelo ambiente saturado duma sala de dança cheia de ruídos, de fumo, de risos alvares, de corpos atirados pesadamente sobre as cadeiras. Risos sem nexos... gargalhadas descabidas... vozes que se elevam num conjunto desarmonioso... tilintar de copos... o ruído seco, característico do saltar das rolhas das garrafas... e a sobressair de tudo isto uma música desenfreada e louca, que se escoia pelas janelas e as portas abertas, e sobe na atmosfera nocturna até muito alto, perdendo-se por fim completamente no infinito.

Noite dentro dança-se muito.

As horas passam, o chapinhe cintila nas taças, espumante...

Ri-se... ri-se perdidamente, para não chorar. Fala-se em banalidades, em coisas inúteis, supérfluas, para impedir-nos de lançar ao mundo em altos gritos a miséria que nos rodeia e que os vestidos de baile mal encobrem, a lama escorregadia que nos cerca. Bebe-se, para atordoar o cérebro, e livramo-nos ao me-

(Conclui na 4.ª página)

A Valorização da Rapariga Cristã

Tens de querer realizar-te plenamente como rapariga, como estudante e como cristã.

Aproveita para isso todos os meios ao teu alcance.

Agora já não te encontras naquela fase a que se dá o nome de infância, e que é na verdade a altura em que se passa pela vida quase inconsciente, isto é, alheia a todos os problemas.

Rapariga estudante, não percas a tua juventude, lembra-te que agora tens de traçar um plano que será para a tua vida inteira. Descobre bem o teu caminho, vê o que Deus quer de ti e lembra-te que, se seguires por um diferente do que Ele te traçou, serás sem dúvida uma falhada na vida; não te precipites no abismo, olha para a dignidade que recebeste no baptismo, conserva-a sempre em ti e tenta valorizá-la cada vez mais.

Tens de estar presente no lugar em que o dever te põe. Estar presente, repara, pode significar também: vestir à moda e, se possível, vestir com o melhor gosto; ter amigos, ir a festas, cinemas, fazer desporto e talvez ter namoro.

Estar presente é cumprir o dever de estado — o estudo. É ter os olhos bem abertos e não se refugiar, a pretexto de ingenuidade ou inocência, numa ignorância perigosa e falsa das coisas e das pessoas. Estar presente é ter interesse por tudo e por todos. Mas tens de saber distinguir, e n t r e todas essas formas que a vida apresenta, quais as que são positivas e poderão contribuir para a tua realização humana e cristã. Tens, portanto, de ser responsável e consciente. Estás no mundo, mas não és do mundo. É a verdadeira liberdade é a possibilidade que tu tens, uma vez que és livre e dona de ti própria, de escolher e de seguir sem enganar ou passar em falso o caminho do bem.

Tens de querer realizar-te plenamente como rapariga, como estudante e como cristã

Aprofunda a tua cultura através dum estudo vivido e sério. Cristo não nos enganou e, se quiseses ter uma vida grande, escolherás também a única forma possível de felicidade.

Teresa Morais
4.º Ano - A

O Mundo dos meus 13 anos

(Conclusão da 2.ª página)

Sei que assim não é forma correcta de agir, mas não sou capaz de proceder doutra maneira, e uma atenuante são . . . os meus treze anos.

Quantas vezes detesto esta idade. Gostaria de crescer depressa para não ouvir dizer o todo o momento:

— É uma criança.

Aborrece-me, enfeixa-me os nervos e então não sou capaz de me dominar. Zango-me mesmo.

Mas pensando bem, não será o meu procedimento como o de uma criança?

Como é bom ter esta idade, como me encontro alegre?

Sinto vontade de cantar, rir, dançar e queria que os outros fizessem o mesmo.

E nada melhor que o meu quatinho para gozar dessa alegria, em pensamento.

Abro a janela, mesmo se estiver a chover ou a ventar, quer seja dia ou noite. É bom sentir a chuva ou o vento a açoitar-me as faces, e adoro o odor profundo e intenso do mar.

Se é noite e brilham as estrelas, ao olhar o firmamento, sinto o desejo pueril de contá-las; se é dia, observo os transeuntes e tento adivinhar o que se oculta sob a máscara que trazem avelada ao rosto.

Mas agora? Olho à minha volta, no meu quarto de trabalho. E tenho de acabar o que estou escrevendo.

Que desordem! . . . No entanto não quero modificar nada, porque isto é meu, sómente meu e quero que fique assim. Aqui, onde trabalho, tem tomado vulto os meus sonhos de menina. Talvez também aqui nasçam meus sonhos de mulher.

Maria Manuela Correia da Rosa
4.º Ano - A

A TRISTEZA

Afinal o que é a tristeza? Quero explicar, mas não sei. Será uma dor no coração? Não! . . . Na minha maneira de ver pode ser uma metamorfose da alma, que só se modifica quando chega a alegria.

Porque será que quando estamos tristes, não queremos ouvir o mínimo barulho? Porque procuramos a solidão? Porque sentimos saudades de tempos passados? Porque procuramos um lugar alto, onde se respire ar puro? E, enfim, porque choramos?

Vou explicar-vos.

Não queremos ouvir barulho, porque debaixo dessa tristeza tudo nos causa impressão; procuramos a solidão, talvez por gostarmos de pensar, pensar, mas afinal pensar em quê? Naquilo que nos ocasionou tristeza? Sim! . . . Talvez. Mas, para mim, acho que mais valia esquecermo-nos daquilo que nos proporcionou tristeza e chamar para o espirito uma coisa que nos cause alegria.

Sentimos saudades de tempos passados porque, nesse sonho ou nessa imaginação, relembramos os momentos mais alegres da nossa infância.

Procuramos um lugar alto e choramos, porque nestes lugares onde toda a tristeza a pouco e pouco se desvanece, recreamo-nos com os cantares dos passarinhos, e a aragem, passando-nos meigamente pelo rosto, parece segredar-nos num sussurro: — porque te sentes triste, porque choras? E, como resposta, olhamos à nossa frente e sentimos o subconsciente gritar: — leva-me, leva-me daqui, não quero sofrer mais, quero ver novos horizontes, novos céus. . . E a aragem, ouvindo isto, diz-nos quase com desdém: — se fosses como eu, não choravas; o choro afasta a alegria e alimenta a tristeza e a minha vida é correr, correr, por entre os tristes e consolá-los com minhas palavras mudas.

Aurora Mattos
4.º Ano - A

Crónica do Mês

(Conclusão da 3.ª página)

nos dominava. Pelo contrário. De todos estes atropelos, de todas estas loucuras, fica-nos na boca um amargor intenso, um desagradável e repugnante sabor a fel. A boca amarga, umas bebedeiras a mais. É isto infelizmente, muitas vezes, o Carnaval! A expansão das almas entorpecidas! . . . Mas Março continua. As flores desabrocham rescendentes nos valados, os pinheiros enchem-se de seiva vivificadora, tornam-se mais firmes e erectos, novamente elegantes depois do Inverno.

Os peixinhos continuam a desfilar silenciosos nas águas calmas e azuis. A natureza, engalanada, está em festa. E a brisa suave, pura, que sopra do mar, vem purificar-nos, os corpos cansados das longas noites do Carnaval, e insufla-se ao de leve nas almas, reanimando-as para a vida do dia a dia.

Nadina

Esperança é o Remédio

Não desespere I.

Esse amor nobre e bra-
sonado que por lapso atri-
buíste á O. (se foi lapso)
há-de acabar por surgir,
nem que para isso se ten-
ha de construir um posto
emissor junto ao «Penedo
da Saudade».

Pode ser que ele acabe
por depor aos teus pés o
coração há muito por ti de-
sejado. Não te preocupes

se ele levar mais tempo. É
que de canário a pavo é
querer subir muito depres-
sa.

Não achas?

Quem é...

... A menina do 7.º ano
que tem a mania que é a
«Rainha do Fandango»?

Dois comentários a quatro versos

(Conclusão da 2.ª página)

mo sobre as pequeninas
que agora correm na relva
macia.

Volto a Casa porém. .
Casa pequenina e mimosa,
rodeada de jardins, onde
tudo tem o aroma suave e
doce de felicidade. Aqui me
espera uma vida iluminada
apenas por um candelabro:
o do amor. Entro e . . . Oh!
agora tudo se confunde, tu-
do é uma mancha multicolor
e . . . eu abro os olhos. . .

Ainda é de noite . . . Mas
eu . . . eu então dormira?! . . .
Sim! Tudo era sonho. . . a
realidade é tão diferente.

Porquê Deus meu? Porque
todos se enganam? Porque
não são todos, como no
meu sonho? . . . Oh! Esta
realidade revolta-me!

Quase sem pensar len-
vanto-me vou á janela . . .
Ninguém na rua. . . Uma
ideia se esboça em minha
mente.

Descalça, cabelos soltos
ao vento, saio de casa, cor-
ro à praia e lá, perto do
mar que parece querer tra-
gar-me com a sua gran-
deza e rebeldia, vejo um
barquito. . . .

Lanço-o ao mar e meto-
me nele. . . Comigo vão os
meus sonhos, que continu-
am belos e me sorriem. Eu,
porém, não posso. . . não
posso sonhar sempre! E,
num esforço supremo, en-
quanto um nó se me for-
mava na garganta, fecho os
meus sonhos numa caixi-
nha e rasgando o mar, com
um gesto frenético e ner-

voso, nele a mergulho. O
mar continua e engulir a
frágil caixinha . . . Eu quase
não a vejo, já. . .

Num repente, porém, pen-
so no que será a minha vi-
da sem sonhos. Que escura
e triste será sem esses
faróis a alumia-la, sem es-
sa esperança duma realida-
de melhor a guiá-la.

E, mergulho também. Eu
quero salvar a caixa, que
contém esse meu tesouro.

Debato-me aflitivamente
com as ondas . . . Eu não
posso deixar fugir assim o
meu sonho, o sonho da
minha juventude . . .

Suplico ao mar que pare
a sua fúria, em vão implo-
ro que se acalme, mas nada
. . . Já quase a apanhara
uma vez, mas uma onda
rebelde e atrevida a afastou
de mim. Está quase é só
mais um pouco . . . Pronto,
alcancei-a por fim. . . E as
minhas lágrimas de alegria
misturando-se nas águas
salgadas do mar, são o
maior agradecimento e a mais
bela prece que eu posso
dar ao Senhor, nesta altu-
ra, em que as palavras me
fugiram. Regresso á praia,
feliz, olhando para a caixa
dos meus sonhos . . .

Volto-me para o outro
lado. Torno a acordar, abro
os olhos. O dia, curioso,
já espreitava o meu desper-
tar . . .

E os sonhos? Ilumina-se
diante de mim mais um dia
da minha vida. . .

Flor de lis

HOJE das 13h 30m às 14h

A Casa Cine - Infante D. Henrique

tem a honra de apresentar

Em única exibição, a comovente película
que finalmente se encontra entre nós:

"Os micróbios também amam"

Como documentário
o filme de pequena metragem

"Quem espera sempre alcança"

Regressam à tela os artistas

Madeleine Macer e George Diard

A história apaixonante duma jovem que durante
longos anos amou sem ser correspondida, até que
o destino se empenhou em juntar tão puros e
pequenos corações.

POR ACASO...

.. ouvimos outro dia
uma conversa muito interes-
sante que nos despertou a
curiosidade. Não costumamos
ser muito mexeriqueiros,
mas quando o assunto diz
respeito ás altas esferas,
o caso é já outro. . .

Um amigo nosso pergun-
tava a uma menina:

— E esses treinos de fu-
tebol, como vão?

Como na nossa terra
as meninas não têm por
hábito praticar o futebol,
o caso intrigou-nos e, imedia-
tamente, investigámos a
questão, principiando por
interrogar o treinador, o
mais que célebre H. F., que,
aliás, há muito se havia reti-
rado desse género de lides.

O H. cedeu muito amá-
velmente é entrevista — A
amabilidade é uma das mui-
tas boas características do
sujeito — e tivemos então
oportunidade de anotar os
seguintes tópicos:

1 — Não sabe bem quan-
to tempo poderão durar os
treinos, porque isso não de-
pende só dele.

2 — A jogadora em ques-
tão não lhe foi recomen-
dada por ninguém, pois
já há muito que ele vinha
observando o seu estilo vo-
luntarioso, que parecia pro-
meter bastante.

3 — Teve já ocasião de
confirmar essa sua opinião
nos referidos treinos, uma
vez que os progressos têm
sido constantes, e acha que
a futura futebolista cami-
nha rapidamente para uma
internacionalização.

4 — Não quer, de modo
nenhum, arriscar-se a iniciar
outros elementos femininos
naquele desporto porque, até
sobre o aspecto estético, acha
difícil encontrar em alguma
parte cabelos tão natural-
mente loiros, onde, tem a
certeza, a água oxigenada
nunca tocou.

E foi isto que ficámos a
saber. Desejamos que os
treinos se prolonguem por
muitos e muitos anos.

Quem é...

... O menino do 4.º ano que
se serve de livrinhos de
declarações amorosas para
transmitir os seus senti-
mentos de alma apaixonada?

Quem é...

... O menino do 5.º ano
que tomou uma tremenda
«pianola» quando soube
que o seu clube representa-
ria o Faial no torneio açor-
iano?

São assim os Estudantes...

CARTA ABERTA

Desculpa, amigo J. R., esta referência na 4.^a página. Com efeito, sabemos que isto não te vai agradar, pois um assunto tão puro e elevado, não devia descer a uma mísera página de piadas como esta. Sabemos que, pelo contrário, devia com ele escrever-se um romance, aliás moralista, que servisse de exemplo a tantos apaixonados infelizes como tu. Desculpa também, porque sabemos que, além disso, és sobretudo muito modesto.

Queremos ser curtos e não conspurcar, com este arrazoado, os teus galões e a tua impecável (e louvável) rigidez militarista...

O que pretendemos, afinal, é enaltecer a tua admirável insistência (e a dela) enfrentando juntos — mas poucas vezes — a despótica tirania de quem nunca soube o que é amar...

Comovemo-nos sempre que te vemos trocar furtivamente algumas palavras repassadas de ternura, à secretária ou sem ser na secretária.

E essa comoção não nos deixa dizer mais do que isto:

Continua, ó frágil *caniço* agitado pela tempestade, continua que a recompensa há-de chegar.

Um grupo de admiradores

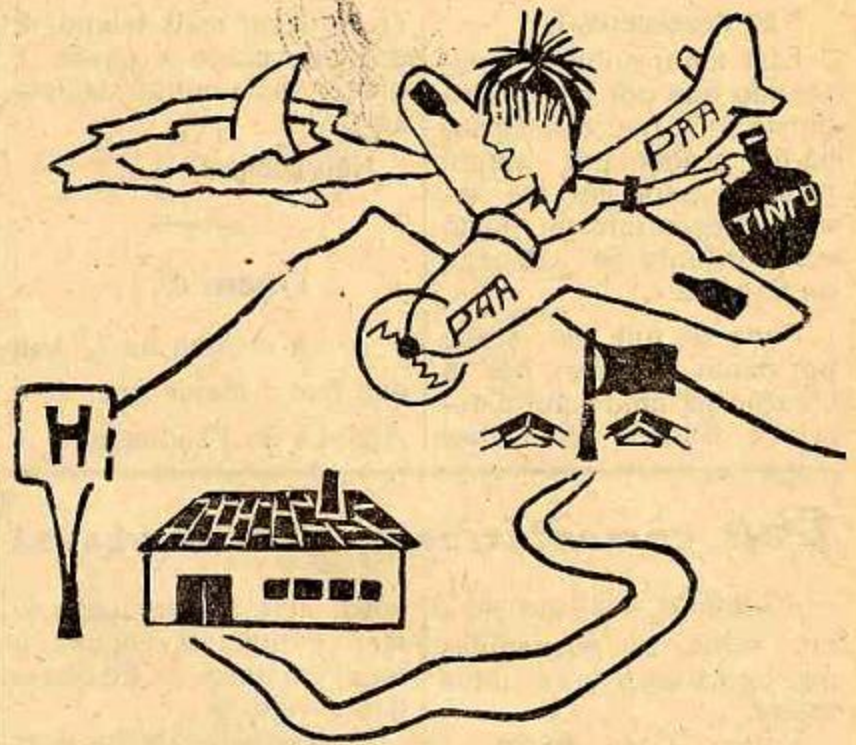
Doença estranha

O «avôzinho» dos cábulas, (não precisa dizer que é o H. A.) para grande pesar nosso, pois todos nós os respeitamos, foi assaltado de estranha doença, que nem ele conhece bem...!!!

Soubemos disso, pelo seguinte aviso que fez a um colega:

— Oh pá! Eu ultimamente ando um pouco doente e «chateio-me» sem saber porquê! Portanto, se eu me «chatear» contigo, desculpa, pois não é por querer!

Fazemos votos para que se livre de tão estranha doença, a figura mais popular no nosso liceu.



ÁLCOOL — Um novo combustível capaz de fazer os aviões da PAA chegarem à Lua!

Há cada uma!!!

Em tempos de guerra não se limpam armas. Cá para a malta não há dificuldades quando surgem problemas! Assim o prova um exemplo de camaradagem do nosso amigo G.

Ora, o G. que por sinal

é bom rapaz, queria organizar uma petiscada com os colegas, mas faltava o material!

Deu voltas ao juízo até que descobriu uma boa solução e logo propôs à malta sem hesitar.

— É muito fácil: vocês juntam-se e vão roubar uma galinha ao meu galinheiro, enquanto eu facilito a questão!

— Fica assim combinado: quando eu for para casa amarro o cão e vocês podem fazer a operação com maior segurança! Depois não há azar, porque meu pai julga que foi algum gatuno e assim fazemos a jantarada com pouca despesa!

Porém o que o G. não sabe é que, oito dias antes, a malta lhe tinha já raptado uma galinha para uma festança desse género!...

Agoia fica ele pensando: Então estes gatunos (gatunos finos, não esqueças!!!) não sabem ser amigos?

Na verdade, não há razão para pensares assim, pois somos amigos em parte, senão a 2.^a galinha tinha voado também...!!!

FADO AZUL

O fado que vou cantar
Não tem vinho nem facadas,
É um fado invulgar
De pessoas brasonadas.

Ele era gentil cavaleiro,
Forte moço garboso!
Em tudo era o primeiro
O que o fazia vaidoso.

Ela era a simplicidade,
De uns olhos negros de carvão!
Não conhecia a vaidade
P'ra todos tinha coração.

Mas no verdadeiro amor
Não parecia acreditar,
O que causava tanta dor
A quem a queria amar...

A derrota! Ele não sabia;
Fortalezas mais fortes derrubara,
E sempre chega um dia
Em que a resistência pára.

Então ela impressionada
Por tão forte resistência,
Arranjou-lhe uma namorada
Que não gostou da impertinência.

Aqui toda a côrte falou,
Acusando-a de falsidade,
E até ele se impressionou
Quando soube toda a verdade.

Mas aquela triste hora,
Foi o demónio a tentá-la.
Por isso, com pouca demora,
Ele voltou a amá-la.

Alguns nunca perdoaram
O erro que ela cometeu,
Mas esses nunca amaram,
Nunca saberão como ela venceu.

Logo, deixem de conversa fiada.
Silêncio!!! um papel!
Aqui vai uma piada...
Marias!!!... Assim se arranja «Manel».